

Educação estética: as influências de Friedrich Schiller na literatura romântica brasileira

Esthetic education: the influences of Friedrich Schiller on brazilian romantic literature

Educación estética: la influencia de Friedrich Schiller en la literatura romántica brasileña

Eliene Farias Silva¹

Carlos Farias Silva²

Resumo: Este artigo apresenta algumas das influências das ideias de Friedrich Schiller acerca da Educação estética do homem na literatura romântica brasileira, especificamente na obra de Gonçalves Dias e de Álvares de Azevedo. O estudo foi realizado com base nas cartas de Schiller(2002), que discorrem sobre “A educação estética do homem”, endereçadas ao duque Frédéric-Christian de Schleswig-Holstein. A investigação foi construída a partir da compreensão do contexto histórico em que as ideias Schillerianas foram produzidas, a saber: a Revolução Francesa. A discussão realizada no artigo conta também com as contribuições teóricas de autores que se dedicaram ao estudo do tema abordado. Evidenciou-se os diálogos possíveis entre a teoria schilleriana e a obra literária dos escritores românticos citados.

Palavras-chave: Educação estética; Friedrich Schiller; Romantismo brasileiro.

Abstract: This article presents some of the influences of Friedrich Schiller's ideas on the aesthetic education of man on Brazilian Romantic literature, specifically the work of Gonçalves Dias and Álvares de Azevedo. The study was based on Schiller's letters (2002), which discuss "The aesthetic education of man," addressed to Duke Frédéric-Christian of Schleswig-Holstein. The research was constructed based on an understanding of the historical context in which Schiller's ideas were produced: the French Revolution. The discussion in this article also includes the theoretical contributions of authors who have dedicated themselves to studying the topic. The study highlights possible dialogues between Schiller's theory and the literary works of the aforementioned Romantic writers.

Keywords: Aesthetic education; Friedrich Schiller; Brazilian romanticism.

Resumen: Este artículo presenta algunas de las influencias de las ideas de Friedrich Schiller acerca de la educación estética del hombre en la literatura romántica brasileña, específicamente en la obra de Gonçalves Dias y de Álvares de Azevedo. El estudio se realizó a partir de las cartas de Schiller (2002), en las que discurre sobre La educación estética del hombre, dirigidas al duque Frédéric-Christian de Schleswig-Holstein. La investigación se desarrolló a partir de la comprensión del contexto histórico en el que se produjeron las ideas schillerianas, a saber, la Revolución Francesa. La discusión planteada en el artículo también incorpora las contribuciones teóricas de autores que se han dedicado al estudio del tema tratado. Se evidenciaron los diálogos posibles entre la teoría schilleriana y la obra literaria de los escritores románticos mencionados.

Palabras clave: Educación estética; Friedrich Schiller; Romantismo brasileño.

¹ Universidade Federal de Sergipe

² Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Introdução

O presente artigo objetiva apresentar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, algumas das influências das ideias de Friedrich Schiller acerca da Educação estética do homem na literatura romântica brasileira, especificamente na obra de Gonçalves Dias e de Álvares de Azevedo. O estudo foi realizado com base nas cartas de Schiller (2002), que discorrem sobre “A educação estética do homem”, endereçadas ao duque Frédéric-Christian de Schleswig-Holstein. A investigação foi construída a partir da compreensão do contexto histórico em que as ideias Schillerianas foram produzidas, a saber: a Revolução Francesa. A discussão realizada no artigo conta também com as contribuições teóricas de Andrade (2008), Antunes (2017), Barbosa (2014), Volobuef (2005), entre outros. Ao final, o estudo aponta, com base na literatura consultada, possíveis diálogos entre a teoria schilleriana e a obra literária de Gonçalves Dias e de Álvares de Azevedo.

Para falar sobre Friedrich Schiller (1759 – 1805), um filósofo, poeta e historiador alemão, e discorrer sobre sua contribuição para os estudos literários, é preciso fazer menção a um conjunto de 27 cartas endereçadas ao duque Frédéric-Christian de Schleswig-Holstein. Publicadas pela primeira vez em 1794, as conhecidas Cartas Schillerianas versam sobre a educação estética do homem e são resultado da frustração de Schiller com os acontecimentos violentos que se desenrolaram no decorrer da Revolução Francesa, a qual, malgrado fundada no lema “liberdade, igualdade e fraternidade”, produziu verdadeiras bárbaries no período que ficou conhecido, não por acaso, como o Grande Terror.

As referidas cartas configuram-se como reflexões filosóficas de Schiller acerca das possíveis causas dos sucessivos fracassos de governos revolucionários que tentaram por em prática seus ideais na França do fim do século XVIII (1789- 1799).

Segundo Antunes (2017), Schiller tenta, por meio do referido conjunto de cartas, “reinstalar no universo humano a unidade e a conciliação entre os impulsos do sentimento e os da razão cindidos e separados entre si pela emergência da modernidade”. Em decorrência da barbárie revolucionária, Schiller compreende que o homem não estava apto a exercer de modo pleno sua liberdade na construção de um novo mundo.

Disso surgem postulados do filósofo sobre a educação estética para formar o novo homem, de modo que este se tornasse capaz de construir um novo mundo e uma nova ordem de coisas, melhor do que a anterior. Para tanto, a arte torna-se um meio fundamental para a formação do novo homem, o qual seria apto ao exercício virtuoso da liberdade.

Diante desse desafio, arte e liberdade passam a caminhar juntas na consecução de um mesmo fim. Não por acaso, o próprio Schiller afirma que suas cartas apontam os resultados de suas investigações sobre o belo e a arte.

As ideias de Schiller, a partir do pensamento formulado nesse conjunto de cartas, reverberam por muitos âmbitos da vida humana: na filosofia, na política, na educação, na literatura e nas artes em geral. Diante disso, a questão que norteou o presente trabalho foi a seguinte: quais as influências da educação estética de Schillerna literatura romântica brasileira?

Sendo assim, o objetivo geral delineado nesta pesquisa foi a busca de algumas dessas influências em obras de escritores românticos brasileiros, ao passo que os objetivos específicos constituíram-se nos seguintes: a) apresentar diálogos entre literatura, educação, filosofia, história e política; b) compreender o conceito de educação estética segundo Friedrich Schiller; c) compreender o papel da arte, em especial a literatura, para a formação humana e cidadã de sujeitos em contextos democráticos; d) apontar possíveis escritores românticos brasileiros que receberam influências das ideias de Friedrich Schiller; e) compreender a relação entre arte e liberdade de acordo com os princípios da educação estética de Friedrich Schiller.

A discussão foi estruturada em 4 seções: a segunda aborda as peculiaridades do contexto histórico do surgimento das ideias de Schiller sobre educação estética; a terceira discute a relação entre arte e liberdade, esteio dos motivos que justificam a educação estética para formação humana dos indivíduos; a quarta apresenta algumas das influências schillerianas sobre a obra de autores românticos brasileiros como Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias.

Em suma, neste artigo, são abordadas, a partir de uma revisão bibliográfica, as influências dos postulados da educação estética de Schiller especificamente sobre o movimento romântico brasileiro, precisamente em sua vertente literária.

O berço histórico das ideias schillerianas sobre educação estética

Para compreender as ideias expostas nas cartas Schillerianas sobre educação estética, é preciso resgatar o contexto histórico de surgimento dessas ideias. Não se trata de um tempo de paz e contemplação, mas de um momento turbulento da história humana, que se desenrolou no ocidente europeu. O cenário é a França de fins do século XVIII, abalada pela fúria e pelos ímpetos da tão aclamada Revolução Francesa.

Este acontecimento transformou a história humana em diversos aspectos e influenciou revoluções em outros recantos da própria Europa e em diversos países aoredor do mundo.

Embalada por nobres propósitos, que se costuraram no conhecido lema “liberdade, igualdade e fraternidade”, a revolução atraiu as massas e encheu-as de esperanças na construção de um novo mundo, imbuído pelo espírito dos três valores mencionados no referido lema revolucionário.

A Revolução Francesa teve início em 1789 e se estendeu até o ano de 1799. Tratou-se de um período de grandes agitações sociais e políticas que puseram em derrocada a monarquia absolutista francesa, junto com as estruturas sócio-políticas e religiosas que dela faziam parte e simultaneamente lhe serviam de sustentáculos (Vovelle, 2019, p.1).

Vovelle (2019, p. 1) afirma também que a Revolução Francesa trata-se de “uma subversão total, em um período de menos de dez anos, de todo um edifício político, institucional e social de longa data”. Ou seja, apesar de ter durado relativamente pouco tempo, a referida revolução foi tão complexa e profunda nas transformações que provocou na sociedade e nas instituições que seus efeitos perduram até os dias atuais.

A Revolução Francesa foi amplamente inspirada pelo Iluminismo, um movimento filosófico que tinha como principal ideal libertar o homem por meio das “luzes da razão”. Entre os principais pensadores iluministas estão David Hume (1711-1776), Nicolas Voltaire (1694-1778) e Immanuel Kant (1724-1804), por quem Schiller foi fortemente influenciado, como ele mesmo declarou na carta que dá abertura a *A educação estética do homem* (Schiller, 2002).

Além dos filósofos já elencados, outros grandes nomes do Iluminismo francês costumam receber destaque especial quando o assunto é a inspiração filosófica da Revolução Francesa, tais como Montesquieu (1689-1755), D’Alembert (1717-1783), Rousseau (1712-1778) e Diderot (1713-1784), com obras como *O Espírito das Leis* (1748) e *Do Contrato Social* (1762), para dar alguns exemplos.

Entretanto, Piva (2019, p. 100) lembra que, não obstante o valor irrefutável desses autores e de suas respectivas obras, os referidos filósofos, tão conhecidos e já consagrados pela história da filosofia, não faziam parte do elenco de escritores mais populares no período pré-revolucionário francês.

Ainda segundo Piva (2019, p. 1), “os vultos do Iluminismo, a maior parte de procedência nobre ou burguesa, advogavam o deísmo, a propriedade privada e o despotismo esclarecido como elementos de uma verdadeira civilização”. Todavia, aponta o autor que não somente nessas ideias foram inspirados os acontecimentos da Revolução Francesa, os quais, para serem compreendidos em sua integralidade, precisam do resgate das ideias de alguns pensadores hoje pouco conhecidos e estudados.

Nesse sentido, Piva (2019, p. 98) afirma que na atualidade os manuais e cursos acadêmicos de filosofia quase não fazem referência ao pensamento de alguns iluministas que inspiraram as ações mais truculentas da Revolução Francesa, a exemplo de Jean Meslier (1664-1729), “um vigário de aldeia que escreveu, por volta de 1720, uma obra radical, na qual preconiza a união dos oprimidos em torno do estrangulamento do último rei com as tripas do último padre” (Piva, 2019, p. 1).

As ideias iluministas deixam transparecer os objetivos de construção de novas estruturas sociais e políticas a partir da superação da ordem sócio-política então vigente. Contudo, o pensamento de Jean Meslier exarcebam esses propósitos e deixam claro que a reconstrução dessas estruturas deveria passar por processos mais profundos e, pode-se dizer, mais radicais, como a completa ruptura com as âncoras institucionais vigentes à época em que o referido vigário viveu.

As obras de pensadores como Jean Meslier auxiliam na melhor compreensão da fase mais conturbada da Revolução Francesa, o Reino do Terror jacobino, entre 1793 e 1794, período em que “as garantias civis foram suspensas e o governo revolucionário (do partido jacobino) perseguiu e matou milhares de pessoas (consideradas como adversários políticos)” (Sousa, 2018, p. 25). Mas a fúria e voracidade dos revolucionários foi além, tendo sido capaz de devorar os próprios líderes da Revolução, como foi o caso de Maximilien Robespierre, cuja ascensão se deu exatamente durante o período do Grande Terror (Bertin, 1978).

O “estrangular o último rei com as tripas do último padre” deixava claro que os revolucionários que se inspiraram em Jean Meslier não estavam dispostos a aproveitar partes das ruínas da ordem social anterior, nem no aspecto estatal tampouco no aspecto da autoridade religiosa, bem característica do regime feudal.

Entretanto, construir um novo mundo, sobre fundamentos completamente novos, parecia ser um propósito nobre. Mas daí surgia uma grande questão: estava o homem preparado para realizar tamanha empreitada?

É essa grande questão que move os escritos de Schiller, que, estarrecido, observava atentamente o agravamento dos acontecimentos da Revolução Francesa, especialmente durante a fase do terror, que assombrou não somente a França, mas a Europa inteira. É sobre essa indagação que se deterá o filósofo alemão nas 27 cartas que escreveu ao Príncipe de Augustenburg, publicadas em 1795, dois anos após terem sido redigidas.

Em razão do todo exposto, para Sousa (2018, p. 26), o conjunto de cartas Schillerianas sobre *A educação estética do homem* “é na letra e no espírito uma denúncia da tirania que sofre

o homem moderno em prol de uma suposta liberdade”. Como as barbaridades da Revolução Francesa poderiam ter sido evitadas? Ou melhor, quais foram as causas de tanta violência quando o que inspirou o movimento revolucionário foi justamente a construção de um mundo melhor, a partir das luzes da razão?

Essas questões fazem Schiller trilhar um interessante e abrangente caminho filosófico, ao discorrer sobre a relação entre a arte e a liberdade, sobre as formas de se atingir o adequado exercício da liberdade para o alcance de um ser humano melhor e, conseqüentemente, de um mundo também melhor.

Arte e liberdade nas cartas schillerianas

Por que o homem, diante de tão grande oportunidade criada pela Revolução Francesa, não soube fazer uso da liberdade para construir uma sociedade melhor, mais justa, mais igualitária e fraterna? Essa é a indagação que guia Schiller ao longo de suas cartas e o filósofo apresenta um diagnóstico a respeito disso, bem como aponta o que, para ele, teriam sido as razões do terror e das barbáries que tomaram conta da França em fins do século XVIII.

Como será visto adiante, a obra *A Educação Estética do Homem* não representa apenas um tratado estético, mas é também um manifesto político (Sousa, 2018, p.25). Essa afirmação pode ser evidenciada nas nove primeiras cartas, que apresentam um caráter fortemente político, em que o poeta aponta um caminho diferente da revolução para a transformação da sociedade, qual seja: a educação humana por meio da arte.

Doravante, serão apresentadas algumas considerações de Schiller, registradas em suas cartas sobre *Educação estética do homem*, nas quais o filósofo discute a arte e a liberdade como elementos necessários para construir um novo homem, capaz de construir um novo mundo, melhor do que aquele anterior à revolução.

A maior das obras de arte: a construção da liberdade política

Quando Sousa (2018, p.25) afirma que as cartas de Schiller rompem as barreiras de um tratado estético e avançam sobre o campo político, a autora se refere ao pensamento de Schiller que compreendia a construção da liberdade política como a maior das obras de arte. Segundo o próprio filósofo, em sua Carta II,

não haveria uso melhor para a liberdade que me concedeis do que chamar vossa atenção para o palco das Belas-artes? Não será extemporânea a busca de um código de leis para o mundo estético, quando o moral tem interesse tão mais próximo, quando o espírito de investigação filosófica é solicitado urgentemente pelas questões do tempo a ocupar-se da maior de todas as obras de arte, a construção de uma verdadeira liberdade política (Schiller, 2002, p. 21).

Schiller se identificava com os girondinos, ou seja, simpatizava com o pensamento da ala revolucionária que defendia ideais mais moderados, ou seja transformações menos severas da ordem sociopolítica. Ao contrário dos jacobinos, que almejaram o aprofundamento da revolução e transformações sociais e institucionais mais radicais.

Ao ver o terror provocado pela fúria revolucionária (causada pelos jacobinos), Schiller entendeu que o homem não poderia alcançar a liberdade unicamente por meio da razão, como apregoava a maior parte dos pensadores iluministas, pois os acontecimentos da Revolução mostravam que, ao conquistarem a liberdade, as pessoas não sabiam usá-la, ou seja, elas não estavam preparadas para construir um estado de coisas melhor do que aquele que existia antes da Revolução, não souberam exercer a liberdade política na construção de um novo mundo e de um novo homem.

A tentativa do povo francês de estabelecer-se nos seus sagrados direitos humanos e conquistar uma liberdade política trouxe a lume apenas a incapacidade e a indignidade do mesmo, e lançou de volta à barbárie e à servidão não apenas este povo infeliz, mas, com ele, também uma considerável parte da Europa, e um século inteiro. O momento era o mais favorável, mas encontrou uma geração corrompida que não mais lhe era merecedora e não soube nem dignificá-lo nem utilizá-lo. O uso que ela fez e faz deste grande presente do acaso demonstra incontestavelmente que o gênero humano ainda não se livrou da violência tutelar, que o regime liberal da razão chega demasiado cedo onde mal se está pronto para se defender da brutal violência da animalidade, e que aquele, a quem ainda falta muito para a liberdade humana, ainda não está maduro para a liberdade civil (Schiller, 2002, p. 21).

Com *A Educação Estética do Homem*, Schiller tentou inserir a arte e o belo na busca da verdadeira liberdade política. Portanto, antes de qualquer revolução política, Schiller propunha uma revolução estética. Nesse sentido, Sousa (2018, p.25) afirma que a perspectiva política direciona e justifica o trabalho desenvolvido nas cartas Schillerianas, como se nota no trecho:

Logo nas primeiras cartas, Schiller deixa claro que a pesquisa dedicada ao Belo e à Arte se relaciona intimamente com os problemas da felicidade e da política; afirma, com todas as letras, que o caminho trilhado através do

problema estético conduz à resolução prática do problema político. A partir da análise dos principais elementos que compõem a reflexão expressa na obra destacada, pretende-se demonstrar que o ponto de partida e chegada da filosofia schilleriana é a sociabilidade entre os homens (Sousa, 2018, p. 25).

Nota-se, assim, o propósito claro de Schiller de compreender os problemas revolucionários franceses e apontar as soluções para o exercício virtuoso da liberdade, qual seja a educação estética do homem, voltada para a arte e para o belo. Consoante, Barbosa (2014, p. 3), esta é a tese principal de Schiller: não obstante, para o filósofo, “a arte seja filha da liberdade, a beleza precede a liberdade; a solução do problema político exige assim a mediação do estético, pois é pela beleza que se vai à liberdade”.

O homem grego x homem moderno: unidade x fragmentação

Schiller, na Carta VI, tenta entender os motivos que levaram os revolucionários ao período do terror e das barbáries. Para ele, o homem moderno padecia de uma natureza fragmentada, fato não verificado, por exemplo, no homem grego antigo:

De onde vem esta relação desvantajosa dos indivíduos, a despeito da superioridade do conjunto? Por que o indivíduo grego era capaz de representar seu tempo, e por que não pode ousá-lo o indivíduo moderno? Porque aquele recebia suas forças da natureza, que tudo une, enquanto este recebe do entendimento, que tudo separa. Foi a própria cultura que abriu essa ferida na humanidade moderna. Tão logo a experiência ampliada e o pensamento mais preciso tornaram necessária uma separação mais nítida das ciências, assim como, por outro lado, o mecanismo mais intrincado dos Estados tornou necessária uma delimitação mais rigorosa dos estamentos e dos negócios, rompeu-se a unidade interior da natureza humana e uma luta funesta separou as forças harmoniosas (Schiller, 2002, p. 36-37).

Nesse sentido, Barbosa (2014, p. 150) afirma que “toda a ênfase recai sobre o contraste entre a cultura grega como uma totalidade harmonicamente diferenciada e o mundo moderno como o mundo do conflito e da fragmentação das forças humanas”, fruto da racionalidade. Senna (2017, p. 166) afirma que “quando se deseja conhecer algo, a ciência dissecar em partes e analisa cada uma delas para buscar posteriormente a unidade. Na arte não pode haver esse dissecamento das partes, essa separação, é preciso olhar a magia do conjunto para compreender o objeto belo”.

O fenômeno da fragmentação da natureza humana, tratado por Schiller, pode melhor ser compreendido por meio de um exemplo: assim como um médico – em razão das várias

especializações das ciências médicas – já não consegue deter o conhecimento pleno acerca do ser humano como um todo, não pode também, sozinho, representar toda a medicina. Um médico, nesse sentido, será apenas uma das partes que compõem o todo. Com isso, perdeu-se, portanto, o contato com a unidade da própria ciência médica, hoje em fragmentos especializados.

Sobre a fragmentação do homem, Sousa (2018, p.26), por sua vez, afirma que, aolongo das cartas sobre *A educação estética do homem*, Schiller

faz um diagnóstico da cultura ocidental, compreende que ela sofre porque uma razão tirânica se apossou de cada esfera da existência, fragmentando a vida de tal maneira que até o próprio ser humano, outrora inteiro, tornou-se parte. Existindo como fragmento, impelido pela estrutura social a dedicar-se apenas a uma única função, ao invés de formar-se no decorrer da vida, o homem se deforma, só cultiva uma parte de si, perde sua unidade e torna-se, em nome da razão, um mostro. É o que mostra os anos que se seguiram à Revolução, o projeto falhara: a guerra não plantou no plano concreto as sementes ideais de ‘Liberdade, Igualdade e Fraternidade’; o homem comum, cindido, que existe apenas para trabalhar e sobreviver, que não desenvolve seus múltiplos talentos, não é capaz de sentir dentro de si a humanidade (Sousa, 2018, p. 26).

Para Schiller, a essência humana é composta por dois tipos de impulso: o impulso formal, que inclina o homem à razão, à permanência; e o impulso sensível, que o inclina às leis materiais e à variação (Sousa, 2018, p.29). Ainda segundo Sousa (2018, p. 31), a teoria de Schiller defende que a liberdade não pode resultar de uma “operação meramente racional, pois o homem só é livre quando vivencia sua totalidade; a liberdade, portanto, só pode ser fruto da interação harmoniosa entre os dois impulsos humanos”.

Em linhas gerais, a fragmentação do homem moderno é um dos problemas que Schiller identifica na formação humana moderna, o que, segundo o filósofo, exige providências para o restabelecimento da unidade perdida.

Como restabelecer a totalidade?

Na carta VI, Schiller indica que depende do ser humano restabelecer a totalidade, o que deve ser feito por meio de uma arte mais elevada:

É falso, portanto, afirmar que a formação das forças isoladas torna necessário o sacrifício de sua totalidade; e mesmo que a lei da natureza se empenhe por isso, tem de depender de nós restabelecer em nossa natureza, através de uma

arte mais elevada, essa totalidade que foi destruída pelo artifício (Schiller, 2002, p. 41).

E aqui o papel de uma arte mais elevada na formação do homem para a liberdade fica cada vez mais evidente nas soluções apontados por Schiller. De acordo com Sousa (2018, p.36),

A arte permite a conexão entre o homem e a humanidade, pois enquanto vestígio da antiga formação grega, a arte conserva em si a beleza, recupera na vida a unidade perdida e, mais que isso, aponta para o futuro, para a possibilidade de uma sociedade na qual cada pessoa exista como ser humano inteiro e não apenas como fragmento.

Com isso, Schiller entende que, por meio do belo, o homem recupera sua liberdade (Senna, 2017, p. 163), para melhor exercê-la, evitando barbáries como as que foram impetradas durante a Revolução Francesa. Sendo assim, segundo Antunes (2017, p.61), fica evidente que, para Schiller, “a arte deveria servir a uma finalidade que a transcendia, a uma finalidade educativa e formadora do intelecto e dos sentimentos humanos”.

O Estado pode criar uma humanidade melhor?

Na carta VII, Schiller afirma que o restabelecimento da totalidade não poderia ser implementado pelo Estado e apresenta as razões que justificam seu pensamento: “Seria o caso de esperarmos tal obra do Estado? Impossível, pois o Estado em sua forma presente originou o mal, e o Estado, a que se propõe a razão na Idéia, não poderia fundar esta humanidade melhor, pois nela teria de ser fundado” (Schiller, 2002, p. 43).

Desse modo, nota-se que Schiller defende que, antes de qualquer modificação do Estado, é preciso que toda cisão no interior do homem seja suprimida. Ou seja, restabelecida a totalidade da natureza humana, esta seria capaz de possibilitar a criação política da razão, ou seja, o Estado. É preciso restabelecer a totalidade da natureza humana para que o homem possa fazer o uso adequado de sua liberdade política e então fundar um novo Estado.

Nesse sentido, vale reiterar que Schiller afirma que a arte é o instrumento capaz de suprimir a cisão da natureza humana, ou seja, as inúmeras fragmentações constatadas no homem moderno, impossibilitado, por isso, de bem exercer sua liberdade.

O papel da filosofia

Como não poderia escapar ao olhar de um filósofo, Schiller também analisa qual seria o papel da filosofia na formação humana moderna e questiona-se da seguinte forma: “deve a filosofia então retirar-se sozinha, desencorajada e sem esperanças deste campo? Enquanto o domínio das formas se amplia em todas as direções, deve este âmbito mais importante de todos ficar à mercê do acaso informe?”(Schiller, 2002, p. 45).

Percebe-se que Schiller não nega que a filosofia cumpre um papel importante na formação do homem, sendo essencial para o reestabelecimento da totalidade da natureza humana. No entanto, ele afirma que somente a filosofia não é suficiente, pois não é possível que a plena liberdade seja alcançada por meio de apenas uma das habilidades humanas, como propunha a filosofia kantiana, ou seja, pelo impulso racional. Segundo as palavras de Schiller:

Não é suficiente, pois, dizer que toda a ilustração do entendimento só merece respeito quando reflui sobre o caráter; ela parte também, em certo sentido, do caráter, pois o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento (Schiller, 2002, p. 47).

Ou seja, Schiller compreende que o caminho para o intelecto deve passar pelo “coração”, pela sensibilidade, como necessidade imediata para os problemas da formação humana na modernidade.

O papel da cultura

Schiller ainda questiona-se sobre a função da cultura na educação estética, nos seguintes termos: “Mas aqui não há talvez um círculo? Deve a cultura teórica propiciar a prática e esta ser a condição daquela? Toda melhoria política deve partir do enobrecimento do caráter – mas como o caráter pode enobrecer-se sob a influência de uma constituição bárbara?” (Schiller, 2002, p. 49).

Para responder a essas indagações, Schiller reflete que seria necessário descobrir um meio em que o Estado dele não se utilizasse. O instrumento ao qual o poeta faz referência são as belas artes. Para Schiller, era preciso elevar primeiro o caráter do homem moderno, ou seja, reestabelecer a unidade de sua natureza fragmentada.

Assim, o filósofo propõe, nas nove primeiras cartas, que se eduque o homem esteticamente para que então este possa exercer plenamente sua liberdade política. Portanto, é por meio da educação estética que se poderia reestabelecer a totalidade da natureza humana, finalidade última do pensamento schilleriano expressa em suas cartas.

Influência do pensamento de Schiller no movimento romântico brasileiro

Como representante do romantismo filosófico, a teoria estética de Schiller acabou por influenciar as ideias no campo da política, da história e das artes, entre as quais destaca-se, neste estudo, a literatura. Nesse aspecto, Andrade (2008, p. 1) aponta que “as idéias disseminadas pelo primeiro grupo do Romantismo alemão encontraram eco em todos os romantismos”. O pensamento de educar o homem por meio do belo, justifica a grande influência de Schiller sobretudo na literatura romântica em geral, e, de forma específica, na literatura romântica brasileira, em escritores como Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias.

Como registra Volobuef (2005, p. 78), “Schiller não apenas foi lido e traduzido, mas suas obras efetivamente produziram ecos na literatura fora da Alemanha. Seu estímulo, idéias e criações sem dúvida deram um impulso fundamental para o Romantismo de muitos países – inclusive do Brasil”.

A influência schilleriana na literatura nacional se fez notar principalmente na obra de dois grandes representantes do romantismo brasileiro: Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo. Aponta Volobuef (2005, p.81) que, por meio de Gonçalves Dias (1823-1864), Schiller chega ao Brasil. O poeta brasileiro dedicou muito interesse à obra de Schiller e, como chegou a morar na Alemanha, teve contato com os textos schillerianos originais, tendo, inclusive, traduzido para o português *A noiva de Messina*, trabalho que foi perdido no mesmo naufrágio que vitimou Gonçalves Dias em 1864, quando voltava da Europa para o Brasil (Volobuef, 2005, p. 86).

Segundo afirma Volobuef (2005, p.82), é especialmente na obra teatral de Gonçalves Dias que podem ser encontrados alguns dos rastros de Schiller em terras brasileiras: “já as peças teatrais, a começar pelas escritas em Coimbra, revelam o diálogo com Friedrich Schiller – diálogo esse atestado pela temática histórica, a linguagem elevada e a estrutura construída segundo padrões os clássicos” (Volobuef, 2005, p. 83).

Outro escritor brasileiro, cuja obra recebeu influências de Schiller, foi Álvares de Azevedo. De acordo com Andrade (2008, p. 2), Álvares de Azevedo (1831 – 1852), “poeta romântico que traduziu de forma substancial os aspectos sombrios da literatura romântica

européia, calcou seu lirismo sobre bases contraditórias que nos remetem à poesia sentimental aventada por Schiller”.

Nessa direção, constata-se que muitos são os diálogos estabelecidos entre as ideias de Schiller e a obra de Álvares de Azevedo. De acordo com Andrade (2008, p. 1), no prefácio de *O Conde Lopo*, uma poema narrativo de Álvares de Azevedo, é possível deparar-se, em certa medida, com as ideias schillerianas acerca do aspecto moral e da liberdade humana, quando o escritor se debruça sobre uma definição do belo e do sublime.

O culto à natureza, tão presente na literatura romântica brasileira, também possui ligações diretas com as teorias schillerianas quanto à busca da unidade do homem por meio da natureza, “que tudo une” (Schiller, 2002, p. 36). Vale lembrar que o homem moderno, para Schiller, era fragmentado, daí a razão pela qual Andrade (2008, p. 3) afirma que “ser natureza novamente é a intenção do homem moderno”.

Nesse sentido, vale destacar que Schiller entende que o exercício devido da liberdade depende da reconquista da unidade da natureza humana por parte do homem moderno. No Brasil, o culto à natureza, presente em escritores românticos, assume contornos típicos da conjuntura histórica de um país ainda em formação, em que o destaque dado à natureza local também representa uma tentativa de formação de uma identidade genuinamente brasileira.

Nesse ponto, também é possível vislumbrar os diálogos do romantismo brasileiro com a ideia de educação estética de Schiller, afinal um dos objetivos desse tipo de educação era a formação de um homem sensível e pleno, capaz de construir um novo mundo, outrora desejo dos franceses, agora pretensão de românticos brasileiros no que concerne à formação de um país.

Andrade (2008, p. 7) ainda enxerga na obra de Álvares de Azevedo outros elementos da filosofia de Schiller, agora relativos ao jogo dos impulsos sensível e formal:

Penseroso, Satã e Macário, personagens de Macário, de Álvares de Azevedo, relacionam-se, em certa medida, a essas três instâncias estabelecidas na teoria de Schiller. Satã é avesso às instituições, relativiza os costumes, desarma qualquer tensão em favor do arrastar-se pelos ditames de seus impulsos, pela noite e pelos aspectos demoníacos da vida. Em vários momentos, Macário, sujeito cindido pela existência corrupta, apresenta revolta e irritação, e obtém como resposta de Satã a bebida, o fumo, a abstinência de qualquer obediência aos apelos sociais. Penseroso, por outro lado, acredita no progresso, na civilização, na existência ordenada, e tenta reeducar Macário (Andrade, 2008, p. 7).

Nota-se, pois, por intermédio dos personagens Penseroso, Satã e Macário, uma espécie de personificação dos constantes conflitos entre o impulso formal, que conduz o homem à razão, e o impulso sensível, que o inclina à variação e às leis materiais (Sousa, 2018, p. 29).

Outra ligação entre a obra de Álvares de Azevedo e as teorias de Schiller se estabelece por meio da ideia de sublime. Para Schiller (2002, p. 32), sentir o sublime é uma das capacidades humanas, das mais esplêndidas, que o faz um ser moral, humano e estético. Já segundo Andrade (2008, p. 12), “Álvares de Azevedo considera que o sublime é um belo ainda mais alto [...]”. Andrade (2008, p. 9) também afirma que o escritor romântico

discute o ‘belo’ como sendo o fim de toda poesia e o poeta um missionário da beleza, não da beleza moral, mas daquela diretamente associada à imaginação. Para o poeta, há dois gêneros do belo: o doce e meigo, e o sublime. Para exemplificar o belo doce e meigo, considerado como o ‘belo mesmo’, o poeta cita a águia no ninho ‘afagando as suas avezinhas, carregando-as nas antenas poderosas das asas, beijando-as, aquecendo-as ao peito’.

O sublime, por sua vez, manifesta-se em personagens de *O Conde Lopo*, em que Álvares de Azevedo fala sobre o aspecto sublime da morte de Jesus Cristo, o qual se utilizou conscientemente da liberdade para entregar-se ao sacrifício, demonstrando que “a resistência que caracteriza o sublime é a prática da liberdade, é o uso da própria consciência para impor-se dignidade” (Andrade, 2008, p. 12).

E aqui, mais uma vez, é possível vislumbrar a relação entre arte e liberdade, ou melhor, o exercício virtuoso e adequado da liberdade na condução de escolhas e propósitos nobres.

Considerações finais

Por todo o exposto, restam demonstradas as influências da filosofia de Schiller no romantismo brasileiro, especialmente no que diz respeito aos elementos da *Educação Estética do Homem*, sobretudo por meio da obra de dois escritores renomados desse período: Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo.

Embora a pesquisa aponte a influência schilleriana sobre esses dois autores, isso não significa que não haja outros escritores brasileiros que tenham se deixado influenciar pelos postulados da educação estética de Schiller. Naturalmente isso cria oportunidades para o aprofundamento e o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre o tema.

Tais influências evidenciam a importância da obra schilleriana para os estudos literários brasileiros, abrindo a possibilidade de pesquisas que aprofundem a análise dos inúmeros

diálogos interdisciplinares existentes entre a filosofia e a literatura. Afinal, não se pode perder de vista, no atual contexto, a necessidade de estudos que ampliem a compreensão da literatura por meio do olhar lançado sobre outros campos do conhecimento humano.

O destaque schilleriano para o papel das artes na formação humana, entre as quais a literatura, evidenciam a relevância de sua filosofia para a compreensão de traços e características da produção literária do movimento romântico. Schiller enxergou no belo e nas artes a possibilidade de melhor formar o homem para a construção de um mundo melhor.

É fácil notar que tal proposta continua válida para os dias de hoje, fato que atrai as atenções para a literatura como forma de arte e como instrumento de formação humana para a liberdade, por intermédio da sensibilidade. Tal constatação aponta também para o importante papel do ensino da literatura para a formação humana e cidadã dos indivíduos em contextos democráticos, nos quais o exercício consciente da liberdade se apresenta como pilar fundamental.

Portanto, o todo exposto no presente artigo demonstra que a literatura não se resume a uma forma de arte meramente contemplativa e desinteressada, pois os diálogos constantes e profundos com outras áreas do conhecimento humano, como a filosofia, a educação, a política e a história, por exemplo, deixam claro que a arte literária contribui significativamente para melhorar e ampliar a compreensão do mundo, especialmente sob o prisma da sensibilidade.

Referências

ANDRADE, Alexandre de Melo. Álvares de Azevedo e Friedrich Schiller: possíveis diálogos entre a literatura e a filosofia do Romantismo. **Revista Crioula**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 1-13, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/crioula/article/view/54046/57976>. Acesso em: 13 dez. 2024.

ANTUNES, Jadir. Schiller e a educação estética e revolucionária do homem. **Revista Dialectus**, Fortaleza, ano 4, n. 10, p. 61-77, jan./jun. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28066/1/2017_art_jantunes.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.

BARBOSA, Ricardo. Educação estética, educação ‘sentimental’: um estudo sobre Schiller: **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 17, p. 146-169, 2014.

BERTIN, Claude. **Os grandes julgamentos da história: Luis XVI - Danton**. São Paulo: Otto Pierre Editores, 1978.

PIVA, P. J. L. Ateísmo e comunismo: o lugar de Jean Meslier na filosofia política das luzes. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 2, n. 07, p. 99-108, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/163426>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas**. Trad. R. Schwarz e M. Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SENNA, Sabrina Paradizzo. Schiller: a relação entre arte e Estado nas cartas de educação estética. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**. Marília, v. 10, n. 28, p. 163-176, 2017.

SOUSA, Selmy Menezes de. Cultura estética em Friedrich Schiller. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**. Marília, v. 10, n. 25, p. 25-39, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8592>. Acesso em: 12 dez. 2024.

VOLOBUEF, Karin. Friedrich Schiller e Gonçalves Dias. **Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos**, São Paulo, n. 9, p. 77-90, 2005.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa 1789-1799**. Trad. M. Echalar. 2. ed., São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. [recurso eletrônico].

Sobre a autora e o autor

Eliene Farias Silva: Doutoranda e Mestra em Letras, na área de concentração em Estudos Literários, na linha Criação e Processos Literários, pela Universidade Federal de Sergipe (DLV/PPGL/UFS – 2022). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: elienefarias@hotmail.com

Carlos Farias Silva: Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Alagoas - ProfEPT/IFAL (2020). Especialista em Direito do Trabalho pela Faculdade Internacional Signorelli (2016). Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Alagoas (2015). Licenciado em Letras - Língua Portuguesa - pelo Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto (2022). Técnico em Eletrotécnica pelo Instituto Federal de Alagoas (2009). Atuou como Pregoeiro ((Pregão Eletrônico) na área de licitações da Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2020-2023). Atualmente, exerce o cargo de Analista Judiciário - Área Judiciária, no Tribunal Regional do Trabalho da 24 Região - Mato Grosso do Sul.
E-mail: carlosfarias_silva@hotmail.com

Recebido em: 26 fev. 2025

Aprovado em: 11 jul. 2025